

O AFROCENTRISMO NA EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DE RENATO NOGUERA

Márcia Nascimento Pereira¹

Geranilde Costa e Silva²

RESUMO

Este trabalho fala do afrocentrismo na educação, na perspectiva de Renato Nogueira. Foi realizada uma entrevista com o professor Renato Nogueira, através do You tube, devido ao contexto da pandemia vivenciado no Brasil e no mundo. O objetivo deste trabalho é mostrar a importância do tema Afrocentrismo e Educação, uma temática ainda pouco debatida, em razão de nosso contexto social, necessitando trazê-la cada vez mais para a sala de aula, de maneira prática e real.

Palavras-chave: Afrocentrismo. Anti racismo. Educação

ABSTRACT

This work talks about Afrocentrism in education, from the perspective of Renato Nogueira. An interview was carried out with Professor Renato Nogueira, through You tube, due to the context of the pandemic experienced in Brazil and in the world. The objective of this work is to show the importance of the theme Afrocentrism and Education, a theme still little debated, due to our social context, needing to bring it more and more to the classroom, in a practical and real way.

Keywords: Afrocentrism. Anti racism. Education

¹ Discente do curso de licenciatura em Pedagogia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira- UNILAB.

² Orientadora, Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará –UFCE.

Data de submissão: 12/03/2022

INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como objetivo, discutir o afrocentrismo na educação na visão do intelectual Renato Nogueira. O que me estimulou a escrever sobre o tema foi uma palestra que ele participou, ainda no início do meu curso de Pedagogia e que me deixou muito curiosa. O primeiro artigo que eu encontrei sobre Afrocentricidade, escrito por Renato Nogueira foi “Afro-centricidade e Educação: os princípios gerais para um currículo afro-centrado” (2010). Esse artigo me motivou bastante e me deixou mais curiosa para pesquisar sobre Afrocentrismo.

Me pergunto, afinal o que é afrocentrismo? E na educação, como ele se encontra? A partir desses questionamentos passei a realizar pesquisas me fizesse compreender. Um outro trabalho muito importante e que me auxiliou, foi o livro “Afro-centricidade: uma abordagem epistemológica inovadora” de Elisa Larkin (2009). Acredito que esse artigo ajudará a aprofundar o tema sobre Afrocentrismo, pois será a visão do primeiro intelectual brasileiro que estudou sobre o tema. Enfim, o que é afrocentrismo na educação a partir da concepção de Renato Nogueira?

DESENVOLVIMENTO

Inicialmente, vou trazer um pouco de minha história de vida, pois considero importante explicar como a escolha desta temática de pesquisa foi surgindo em minha vida. Nesse sentido, é preciso entender que

Ao considerar as motivações institucionais dos/as orientandos/as como relevante para o ato de pesquisa estou partindo do princípio de que o desvelar dessas motivações podem ajudar com que esses/as reconheçam, primeiro, que a escolha de um tema de pesquisa e os procedimentos teórico-metodológicos estão sempre alicerçados em uma concepção de ciência. E segundo, que essa concepção de ciência pode considerar ou não como relevante às questões de ordem objetivas e/ou subjetivas (SILVA, 2020, p. 8).

A minha infância foi muito saudável, morava em sítio, localizado na região rural da cidade de Aratuba (CE). Passava o dia brincando com minhas primas e minha irmã,

mas antes de sair, tinha que ajudar a minha mãe na limpeza da casa. Certa vez pedi para minha mãe me ensinar uma atividade da escola e ela respondeu: “- *Minha filha se esforce e aprenda porque não sei ensinar!* ”. A partir desse momento me esforcei muito e fazia minhas atividades sozinha e depois ainda ajudava os outros colegas de classe. Na adolescência comecei a gostar mais de estudar, passava a manhã na escola e a tarde depois que limpava a casa, estudava de novo. Era um momento de paz em meio a tantas confusões da adolescência.

No 2º ano do Ensino Médio passei a cursar o E-jovem³ e daí precisei morar com a minha avó paterna, na região urbana de Aratuba (CE). Essa foi uma etapa de muitos aprendizados, de paciência e também de saudade de casa. Nessa época passei a me preparar para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Fui aprovada em 2014, para o Curso de Ciências da Natureza e Matemática, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), em Redenção (CE). Após três meses de curso, percebi que não tinha afinidade com a área de Matemática e desisti do mesmo. Para minha felicidade, fiquei na lista de espera para o Curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), na mesma Universidade. Ao ser chamada, me matriculei.

O Curso de Bacharelado em Humanidades da UNILAB é o 1º ciclo de formação, já o 2º ciclo é formado pelos Cursos de História, Sociologia, Pedagogia e Antropologia. Durante as aulas no BHU, o que ficou mais forte para mim foi estudar sobre as nossas raízes africanas. Dessa forma fui despertada para estudar sobre a cultura africana e afro-brasileira.

Após cursar o BHU ingressei no curso de Pedagogia, que possui uma estrutura curricular diferenciada, pois o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) é Afro-centrado, como citado:

(...) no curso de Pedagogia da UNILAB foi dada uma atenção particular à Lei 10.639/03 que modifica a LDB em 2003, incluindo a obrigatoriedade do ensino da cultura africana e afro-brasileira em todo o sistema de ensino básico do Brasil, dispositivo esse que exige desde então a mudança dos currículos dos cursos universitários, a fim de se preparar os futuros profissionais para a efetiva implementação das Diretrizes da Educação para as Relações Étnico-Raciais e

³ O Projeto e-Jovem é uma iniciativa do Governo do Estado do Ceará por intermédio da Secretaria da Educação (SEDUC), que objetiva oferecer formação em Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) com ênfase no protagonismo juvenil, aos educandos do Ensino Fundamental e Médio e egressos da rede pública estadual. Despertando habilidades e valores necessários para que esses jovens em formação se tornem cidadãos conscientes e dispostos a assumir um papel pró-ativo ao longo das suas vidas. Site: <https://www.seduc.ce.gov.br/2012/08/23/projeto-e-jovem/>.

o Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana que em 2004 vem regulamentar a Lei 10.639/03, explicitando propósitos e os encaminhamentos a serem tomados para a lei não ficar letra morta, num país estruturalmente marcado desde seus primórdios pelo racismo social e institucional (UNILAB/MEC, PPC Pedagogia, 2016, p. 24).

A partir das aulas e de outras vivências junto ao Curso de Pedagogia, aprendi que o Afro-centrismo é um campo de estudo que contribui para a valorização e respeito do Ser negro, atuando como um recurso didático-pedagógico para estudo da História e Cultura Africana e Afro-brasileira. Sendo assim, o afro-centrismo é um referencial voltado à valorização e o respeito do ser negro em sua forma de ser, pensar e agir. Como possuidores de direitos, deveres, crenças, religião, educação, língua e cultura. Cabe então explicar que

O Afrocentrismo pretende edificar um novo paradigma alternativo ao eurocêntrico dominante, relendo por completo a história das civilizações humanas e dos seus complexos relacionamentos. A civilização africana (que Asante considera como um todo orgânico e homogêneo) assume um papel central, uma nova subjetividade na história da humanidade. A sua primazia abrange os diferentes aspectos do saber: filosofia, ciência, religião, política, arte, comunicação. A África não é apenas, como os próprios arqueólogos reconhecem, o “berço da humanidade”, mas sim o “berço da civilização”, com centro no antigo Egito (BUSSOTTI & NHAUELEQUE, 2018, p. 2).

De sorte, que o Afro-centrismo atua como uma grande ferramenta de desconstrução do Eurocentrismo, que domina, aliena, e nos prende ao preconceito e a discriminação racial, cabendo entender que o Eurocentrismo

é reflexo de um discurso hegemônico específico que subjuga também a pluralidade de discursos e de formas de conhecimento dentro da própria Europa. A ciência moderna/colonial de matriz eurocêntrica reúne alguns elementos que nos auxiliam na formação da “paisagem” que pretendo apresentar (BERBERT, 2018, p. 30).

Sou uma mulher de pele branca, bem como a minha mãe. No entanto, ela sempre me ensinou a importância do respeito por todas as pessoas, independente de cor, religião e classe social.

Nesse sentido, é importante dizer que o afro-centrismo não é conhecido pela sociedade brasileira. Então, acredito que o estudo do afro-centrismo pela escola, seria um grande meio para que as pessoas negras e brancas aprendessem a valorizar o ser negro e suas culturas. Assim, seria possível não somente para o reconhecimento da diferença, mas, sobretudo, no combate ao racismo. Porém, entendo que “reconhecer que somos

diferentes para estabelecer a existência de uma diversidade cultural no Brasil, não é suficiente para combater os estereótipos e os estigmas que ainda marginalizam milhares de pessoas em nossa sociedade” (SANTOS, 2012, p. 3).

A partir de minha vida pessoal e acadêmica percebo que o Afro-centrismo é desconhecido pela sociedade brasileira, o que tem contribuído para que as pessoas negras não se reconhecem como negros/as. Dessa forma, creio que o Afro-centrismo seria o grande meio para valorizar o ser negro, trazer a consciência da identidade, da cultura afro-brasileira em todos os meios, principalmente em casa e na escola.

Interessei-me em conhecer mais sobre o Afro-centrismo em 2017, durante um seminário de acolhimento voltado aos/as novos/as estudantes do curso de Pedagogia, em que tivemos como convidado o Prof. Dr. Renato Nogueira, estudioso afrocentrista, como cita Elisa Larkin Nascimento (2009, p. 97):

(...) o propósito do afrocentrista é demonstrar um forte compromisso de encontrar o lugar do africano como sujeito em quase todo oriente, texto e ideia. Isso não é fácil, porque as complicações de identidade de lugar são frequentemente descobertas nos interstícios entre o que nós somos e o que desejamos ser.

E assim, passei a querer não somente entender o Afro-centrismo, mas como se dava a relação do professor Renato Nogueira com o Afro-centrismo. Bem como tomar conhecimento sobre as contribuições do Afro-centrismo para o campo da educação e das relações étnico-raciais e os Direitos Humanos. Dessa forma, resolvi investigar sobre o citado docente, saber mais sobre sua formação acadêmica. E assim, logo abaixo trato as informações encontradas na internet, no site Liteafro,⁴ sobre o mesmo.

No Liteafro, temos a seguinte apresentação sobre a formação acadêmica de Renato Nogueira:

Renato Nogueira nasceu no Rio de Janeiro em 1972. Residente em Duque de Caxias é Professor de Filosofia do Departamento de Educação e Sociedade, do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Atua como Pesquisador do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (LEAFRO) e do Laboratório Práxis Filosófica de Análise e Produção de Recursos Didáticos e Paradidáticos para o Ensino de

⁴ Fonte: <http://www.lettras.ufmg.br/liteafro/autores/399-renato-nogueira>

Filosofia da UFRRJ. Possui doutorado, mestrado e graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Segue logo abaixo uma imagem do citato docente.

Figura 1 – Prof. Dr. Renato Nogueira



Fonte: site literafro

Renato Nogueira também tem muitas obras em outros campos do conhecimento, como ficção, não ficção, artigos e periódicos, capítulos de livros, entre outros, que estão destacados no site Literafro, tais como:

- *Nana & Nilo: aprendendo a dividir*. Ilustrações de Sandro Lopes. Rio de Janeiro: Hexis, 2012. (Infantil)
- *Nana & Nilo: que jogo é esse?* Ilustrações de Sandro Lopes. Rio de Janeiro: Hexis, 2012. (Infantil)

Dentre outros títulos.

Frente a esse meu interesse, é que minha orientadora, a Professora Dra. Geranilde Costa e Silva, em parceria com a Coordenadoria de Direitos Humanos (CDG), setor ligado a Pró-reitoria de Políticas Afirmativas e Estudantis (PROP AE) da UNILAB, na pessoa do Prof. Dr. Evaldo Ribeiro, desenvolveu uma live⁵ com a participação do Prof. Dr. Renato Nogueira, em 17 de agosto de 2021. Assim, foi possível realizar uma conversa e conhecer mais sobre o citato docente e sua relação com o Afro-centrismo.

⁵ Link: <https://www.youtube.com/watch?v=K5xS4-QMsfg&t=350s>

Logo abaixo apresento algumas das indagações feitas a Renato Noguera e teço algumas considerações.

Questão 1 – *“Quem é Renato Noguera?”*

Essa é uma das perguntas mais difíceis. É uma pergunta filosófica, quem sou eu? Sou um estudioso, um estudante, um professor, alguém que estuda, que ler, escrever, no campo da filosofia no campo da educação, que também faz incursões no campo da Filosofia, da Psicanálise, mais especificamente, estuda os pós freudianos também, numa leitura crítica também. Alguém que ler a partir da afro-centricidade. Eu sou um professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, onde atuo no curso de Pedagogia, que eu atuo com intensidade, que eu atuo mais é o curso de Pedagogia (...) e alguns anos atrás comecei a fazer um estudo sobre Afrocentricidade, [...] e afrocentricidade me interessa bastante, essa abordagem, e a metodologia afrocentrista.

Renato Noguera diz que é “uma pergunta filosófica”, pois está diretamente ligada à sua existência, sua essência, sua vida. A filosofia já faz parte da vida dele de sua identidade. Significa, portanto, dizer que a “uma pergunta filosófica” está ligada ao que eu sou? De onde vim? Quem são meus e minhas ancestrais? – Nesse sentido, invocamos o conceito de Ancestralidade com basilar das Filosofias Africanas, como bem explica Oliveira (2012, p. 39):

Aqui, Ancestralidade é, então, mais que um conceito ou categoria do pensamento. Ela se traduz numa experiência de forma cultural que, por ser experiência, é já uma ética, uma vez que confere sentido às atitudes que se desdobram de seu útero cósmico até tornarem-se criaturas nascidas no ventre-terra deste continente metafórico que produziu sua experiência histórica, e desse continente histórico que produziu suas metonímias em territórios de além-mar, sem duplicar, mas mantendo uma relação trans-histórica e trans-simbólica com os territórios para onde a sorte espalhou seus filhos.

Questão 2 – *“Como é que você chega ao Afro-centrismo? Ou como é que o Afro-centrismo chega até você?”*

Eu fui para uma conferência, há mais de uma década atrás, conferência Cheikh Anta Diop na Filadélfia e nessa conferência que eu passo a conhecer, Molefi Asante e Ama Mazama [...] e lá tem um evento anual que é o Cheikh Anta Diop. E passei a ir participar de alguns desses eventos, alguns eventos nos Estados Unidos e fora dele [...]. Nessa época tem uma tradução de textos, uma organização de textos, da professora Elisa Larkin Nascimento, ela organiza um material, chamado Afrocentricidade, organizado e publicado pelo Selo Negro. O primeiro texto em português, antes não tinham textos em português, como não tinha textos em português eu comecei a ler os textos em inglês, e comecei a fazer uma tradução doméstica, muito doméstica, para trabalhar com meus alunos, acho que foi em 2009, se não me engano, 2008 ou 2009 essa tradução,[...] tem mais ou menos ai 12 anos, [...] são uns 12 anos mais ou menos que eu tenho falado de afrocentricidade, eu já tinha visto

alguma coisa mais começo a publicar em 2009, [...] a afrocentricidade é uma abordagem Panafricana.

A coleção afrocentricidades de Elisa Larkin⁶ reúne textos de estudiosos e ativistas da abordagem afrocentrada. Apresenta a postura básica dessa linha de pensamento e seus fundamentos teóricos, bem como reflexões e levantamentos sobre sua presença no Brasil, acompanhados de trabalhos sobre temas específicos como: psicologia, a mulher afrodescendente, assistência social e educação multicultural.

Renato Nogueira destaca que a “afrocentricidade é uma abordagem pan-africana, pois está ligada ao pan africanismo, ou seja, o pan-africanismo⁷ é um movimento de luta contra o preconceito e o racismo, um movimento que valoriza a cultura, a identidade e os direitos dos povos africanos, nasce do movimento pan-africanista onde se tem a junção da nação para luta contra pré-conceito, a favor dos direitos dos negros.

Questão 3 – “Considerando isso, quais são as contribuições que você vê para sua vida pessoal e acadêmica?”

É uma reorientação, a Afro-centricidade trabalha com essa ideia, de localização ... de localizar-se, de onde estamos partindo do nosso referencial

⁶ Elisa Larkin Nascimento possui graduação Summa Cum Laude e mestrado em American Studies Puerto Rican Studies da State University of New York (1976, 1978), Juris Doctor Cum Laude (mestrado em direito com honras) da State University of New York (1981) e doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano da Universidade de São Paulo (2000). Atualmente dirige o Ipeafro - Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros. Tem experiência nas áreas de Educação e Antropologia, com ênfase em Direitos Humanos, atuando principalmente nos seguintes temas: atitudes étnicas e raciais, sistemas africanos de conhecimento, negros (Brasil), diáspora africana e movimentos sociais. Como diretora do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (Ipeafro), ela idealizou e organizou os Foruns Sankofa de 1991, 1993, 2007 e 2010, bem como o curso Sankofa: Conscientização da Cultura Afro-Brasileira realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e na Universidade do Estado do Rio de Janeiro no período de 1984 a 1995. Realizou a curadoria da mega-exposição Abdias Nascimento Memória Viva (Rio de Janeiro; Brasília; Salvador, 2004-2006). Atualmente realiza a curadoria e coordena a organização do acervo de Abdias Nascimento para exposição e para consulta digital no site www.ipeafro.org.br. Para esses projetos, obteve patrocínio da Petrobras e apoio da FINEP, Fundação Ford, Fundação Kellogg, Center for Research Libraries, Biblioteca do Congresso dos EUA, Seppir, Fundação Cultural Palmares, UNESCO, Secad/MEC. Site: https://www.pallaseditora.com.br/autor/Elisa_Larkin_Nascimento/122/

⁷ O pan-africanismo é um movimento teórico-político que surge na diáspora do Atlântico Negro (Américas e Europa), no final do século 19 e início do século 20, como uma alternativa de luta contra a exploração e opressão de africanos e seus descendentes, e sua emancipação e autoafirmação em todo o mundo. É, portanto, um movimento de grande importância para compreender as relações internacionais como condutoras da política internacional. Enquanto disciplina, as RI (relações internacionais) também podem se beneficiar dos estudos sobre pan-africanismo pois ambos analisam e mobilizam categorias como raça e nacionalidade, e conceitos como libertação, integração, solidariedade e personalidade.[...] site: <https://pp.nexojornal.com.br/ponto-de-vista/2021/Quem-s%C3%A3o-as-mulheres-pan-africanistas-e-como-podem-reescrever-as-rela%C3%A7%C3%B5es-internacionais#:~:text=O%20pan%20africanismo%20%C3%A9%20um,autoafirma%C3%A7%C3%A3o%20em%20todo%20o%20mundo.>

histórico, cultural, quais são as bases do nosso referencial? É importante e nos ajuda a localizarmos, do ponto de vista epistemológico e existencial e do ponto de vista acadêmico fazer uma crítica ao eurocentrismo [...]. O Eurocentrismo que promove essa injustiça cognitiva, do ponto de vista que só alguns territórios [...] o que está fora passa a ser não acadêmico, [...] é uma reorganização de pensar o conceito de África expandido, então o conceito de África deixa de estar restrito ao continente, [...] o conceito África como um guarda-chuva de um conjunto de dispositivos culturais, de uma perspectiva histórica, [...] quando a gente fala em afrocentricidade fala em África como um complexo cultural, o termo Afro-centricidade é melhor que o afrocentrismo porque a ideia de afrocentricidade não é um sistema tão fechado, essa ideia do Assante é um sistema que está com constante revisão.

Reorientar para Renato significa dar uma nova localização, trazer de volta ao seu lugar de origem. Já cognitiva injustiça com o psicológico, com a nossa identidade, a memória, em sentido que é uma violência, que o eurocentrismo retira a liberdade da identidade psicológica, pois temos identidades diferentes, portanto, psicológicos diferentes.

Questão 4 – *“Você acredita que a partir dessa noção da Afro-centricidade e Educação é possível construir esse Currículo Afro-centrado?”*

[...] um currículo Afro-centrado não é nada fácil, porque é preciso fazer uma desintoxicação, de um currículo que ele é eurocêntrico, que ele conta uma história ... a história da humanidade, a partir de um ponto de vista eurocêntrico, numa perspectiva ocidental, numa perspectiva branca, das sociedades europeias, sociedades do norte global. É possível sim, acredito que hoje nós temos muito mais iniciativas a respeito, nós temos grupos que tem pensado nas suas escolas, escolas privadas escolas públicas, pessoas que estudam a Afro-centricidade, procuram trazer esse currículo afro-centrado, o currículo afro-centrado é uma possibilidade que demanda esforço, organização para que a gente possa torná-lo, um currículo viável, exequível, [...] possível sim! E dá bastante trabalho.

O currículo euro-centrico é aquele que todos nós conhecemos, onde apresenta que todo o mérito da história e da capacidade intelectual vem do branco. A respeito disso já se tem algo, já se tem mais material, produções de conhecimento, para tal mesmo sendo difícil até achar o significado de Afro-centricidade na Internet.

Questão 5 – *“Para a educação infantil que elementos experiências você traz para nós pensarmos a Afro-centricidade, a partir da Lei nº 10.639/03?”*

A educação infantil é um território muito importante, dessa forma a gente pode considerar, que as crianças fazem um trajeto da aprendizagem. Essa trajetória, feita um pouco incorporando um personagem, incorporando os personagens de uma narrativa, recorro aqui Hampâté Bâ um dos pensadores do Mali. E ele fala nas histórias, nas narrativas, da contação de histórias e eu concordo com uma ideia, que a criança conta uma história na educação infantil, usar o termo amplo narrativa [...]ela faz com que a criança numa forma, se apegue a um personagem e faça esse percurso, o percurso dramático o percurso da aventura, então a criança faz muito cosplay, cosplay da imaginação. [...] contando as histórias que sejam de um universo cultural africano o que significa não se trata mais de pintar de preto o que já existe, de enegrecer somente o que já existe, numa perspectiva ocidental, a gente vai então mudar o eixo [...] e que nas contações de história a gente crie uma paisagem africana para que possa habitar o mundo da imaginação infantil, [...] criar paisagens sonoras africanas, criar imagens, criar narrativas, os nomes dos personagens.

Aqui, Noguera nos fala sobre a importância da utilização de literaturas que tragam histórias africanas e afro-brasileira, em sala de aula, tendo por referência o cumprimento da Lei nº 10.639/03, objetivando desenvolver a imaginação positivada das crianças quanto ao Continente Africano.

A imaginação pode criar novos graus de combinação, misturando primeiro elementos reais (o gato, a cadeia, o carvalho), combinando depois imagens de fantasia (a sereia, os elfos) e assim por diante. Mas os elementos últimos que integram as imagens mais afastadas da realidade, até mesmo esses elementos últimos, constituem sempre impressões da realidade (VIGOTSKI, 2009, p. 17).

Observo que o afrocentrismo na educação, compreende o que está no meu psicológico, o que eu entendo por África, por riqueza africana, o que eu entendo por cultura africana, como essa riqueza é passada, o que vi quando criança, o que eu vi na TV, nas novelas? E como passar essas histórias? Assim também é destacado no texto, diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico raciais (2004, p. 10), a importância da valorização do eu negro, eu africano:

Nesta perspectiva, propõe a divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial – descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos – para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada. É importante salientar que tais políticas têm como meta o direito dos negros se reconhecerem na cultura nacional, expressarem visões de mundo próprias, manifestarem com autonomia, individual e coletiva, seus pensamentos.

Questão 6 – “O que a educação brasileira melhorou com a criação da Lei 10.639/03 e 11.645/08, teve avanços ou não teve? Qual a sua leitura dessa situação?”

Uma das contribuições é abrir um debate, [...] abre um debate necessário, e que o currículo da educação básica, a formação dos cursos de licenciatura é um currículo pautado na exclusão no privilégio branco, e pautado numa centralidade no universo eurocêntrico, que privilegia o que a gente pode chamar aqui de paradigma ocidental, [...] a gente tá falando de humanidade, no sentido mais amplo, no sentido plural como se não existisse estratificação e relações de poder, [...] então o que acontece com esses conteúdos obrigatórios de história e cultura afro-brasileira dos povos indígenas, o debate é feito, tem um problema aqui, tem algo na ordem da opressão, existe uma dimensão da injustiça política social, de caráter cognitivo, uma injustiça cognitiva a validação de produção de conhecimento.

Como destaca Renato, abrimos um debate, mas observemos o que mudou com essas leis em pleno ano de 2022? Hoje se valoriza a cultura afriicana e indigena? Nos livros? Nas tvs? Com a pandemia, as crianças ficaram com mais dificuldades, por diversas realidades. Nós professores ou futuros professores, temos um papel muito importante em mudar as mentalidades a cerca do respeito ao outro. Como é destacado na matéria: “ Lei 10.639 completa 15 anos na educação brasileira ainda com dificuldades de implantação”, pelas autoras:

Para Rita dos Santos Camisolão, coordenadora adjunta do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos da UFRGS (NEAB), por exemplo, numa aula de educação física em que ocorra agressão racial em um jogo de futebol, o professor deve aproveitar esse momento para ensinar que isso é errado e corresponde ao racismo. Rita acrescenta que o grande desafio do professor é justamente perceber, dentro da escola, experiências que podem ser disparadoras de uma abordagem pedagógica sobre a questão racial. Para isso, é preciso que as escolas tenham um plano político pedagógico que considere as diversidades presentes e que seja construído coletivamente, considerando a escola não exclusivamente como um espaço físico, mas como uma comunidade (Nathalia Sasso e Camila Medroa, 2018).

Questão 8 – *“Partindo da sua experiência, como você propõe esse currículo Afro-centrado para a educação infantil?”*

“Ter um ponto de partida mais teórico que eu acredito que é fundamental, de onde agente tá partindo, então aquela pergunta: Porque a gente educa? Por que, e para que a gente educa? A gente educa para um certo desenvolvimento, me parece ser uma hipótese importante, quando falamos em Afro-centricidade não estamos falando de desenvolvimentismo [...] estamos falando muito mais de uma afrotopia, me parece que é isso, [...] qual a configuração de ordem social para qual nos educamos? Falando em Afro-centricidade em África acho que é importante colocar no currículo, [...] a possibilidade da criança conhecer sua própria canção.”

Nesse sentido, o currículo é um documento criado para ajudar no ensino e aprendizagem dos/as alunos/as, portanto, o currículo deve ser voltado para a valorização da identidade, da cultura, conhecimento, tudo que compreende o ser africano, negro e descendente.

O currículo é sempre o resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saber, seleciona-se aquela parte que vai constituir, precisamente o currículo. As teorias do currículo, tendo decidido quais conhecimentos devem ser selecionados, buscam justificar por que “esses conhecimentos” e não “aqueles” devem ser selecionados. Na teoria do currículo são importantes duas perguntas: “o quê?” e “o que eles ou elas devem ser?” ou “o que eles ou elas devem se tornar?” (SILVA, 2009, p. 15).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Afrocentrismo, para Renato Nogueira (2021), compreendi a partir da entrevista, que é dar lugar ao negro, ao africano, reconhece-los como capazes, como ser humano pensante, intelectual, dotado de inteligência como o branco. O afrocentrismo na educação não vai ser algo fácil a ser realizado, mas já avançamos um pouco, já temos muitos materiais feitos a partir da Lei 10.639/03. Chegamos a 18 anos de luta, a UNILAB é também fruto dessa luta, pois a partir dela houve um grande crescimento intelectual, econômico, científico e profissional na Serra de Baturité e também nos países africanos que ela abriga. Acredito que depende de nós, do nosso compromisso de querer fazer algo diferente, do professor querer valorizar os seus alunos, cada um em sua essência, história, identidade, cultura, modo de ser e pensar, antecipando com o respeito ao outro. Saio do curso de Pedagogia com um olhar de mais respeito pelo outro, aprendi com minha experiência e conhecimentos a não fazer pré-julgamentos do outro, daquele que é diferente.

Renato Nogueira é bem direto e claro em suas respostas, portanto, a partir de sua fala posso destacar que o afrocentrismo já é a essência de sua vida. Renato é o primeiro pesquisador a falar sobre o afrocentrismo no Brasil, o afrocentrismo está sempre em movimento, então o significado de afrocentrismo é muito além do que podemos compreender hoje, vai ser constante a expansão do seu significado, dar muito trabalho “desintoxicar” o currículo, tornando-o mais afrocentrico. A memória e a imaginação tornam-se o campo para agir na educação infantil, iniciar o debate sobre o afrocentrismo,

sobre a cultura negra e indígena é o primeiro passo. Afinal, por que e para que educamos? Se não o objetivo maior a educação, o respeito, o conhecer a si, sua cultura, história, identidade, e a partir disso desenvolver e relacionar as outras áreas de conhecimento.

REFERÊNCIAS

NASCIMENTO, Eliza Larkin. **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. Matrizes africanas da cultura brasileira. São Paulo: selo negro, Sankofa, 2009.

PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO DA PEDAGOGIA .In UNILAB: Brasil, Ministério da educação [Redenção, CE, 2016] . Disponível em: http://www.prograd.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2020/08/PPC-PEDAGOGIA-CE_Res-32_2016-e-45_2018-1.pdf?_ga=2.49574306.585714166.1631550544-1255704743.1626237658 Acesso em: 15 set. 2021.

BERBERT, Loren M. V. **O sacrifício dos “outros”**: eurocentrismo na educação e análise da proposta curricular para a educação básica de Santa Catarina a partir da lei 10.639/03. 2018 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Sociologia Política)- Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis Santa Catarina, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/198586/PSOP0637-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y> Acesso: 15 set. 2021.

BUSSOTTI, Luca; NHAUELEQUE, Laura A. **A invenção de uma tradição**: as fontes históricas no debate entre afrocentristas e seus críticos. In HISTÓRIA (SÃO PAULO) v.37, e2018005, ISSN 1980-4369. Centro de Estudos Internacionais, ISCTE-IUL, Lisboa Universidade Técnica de Moçambique, Maputo. 2018[S.I] [S.N] . Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/6nxr4VZpQnyZr6Whptt8V7P/?lang=pt&format=pdf> Acesso: 15 set. 2021.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO .Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. [Brasília, DF, 2004] Disponível em: file:///C:/Users/USU%20C3%81RIO/Desktop/diretrizes_curriculares_nacionais_para_a_educacao_das_relacoes_etnico_raciais_e_para_o_ensino_de_historia_e_cultura_afro_brasileira_e_africana.pdf. Acesso: maio de 2022.

SASSO, Nathalia; MEDROA, Camila .**Lei 10.639 completa 15 anos na educação brasileira ainda com dificuldades de implantação**. [s.i], 10 set 2018 .Disponível em:

<https://www.ufrgs.br/humanista/2018/09/10/lei-10-639-completa-15-anos-na-educacao-brasileira-ainda-com-dificuldades-de-implantacao/> Acesso em: maio 2022.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade como filosofia africana**: Educação e cultura afro-brasileira. In: REVISTA SUL-AMERICANA DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO. Número 18 ,[s.i] [s.n]maio-out/2012, p.28-47. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/4456/4068> Acesso em: set.2021

SILVA, Geranilde Costa e. et al. Percursos Epistemológicos para a construção da noção de sujeito da pesquisa junto aos Trabalhos de Conclusão de Curso na Pedagogia na SILVA, Geranilde Costa, RUFINO, Maria do Socorro Moura, FILHO, Joaquim Torres et al. **In: Pesquisa e desenvolvimento: desafios e oportunidades em ciência, tecnologia e engenharia [recurso eletrônico]** . Fortaleza . 2020. Disponível em : https://reapodere.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2020/08/E-BOOK_CLEITON_UNILAB-10-anos_cap_james-2.pdf . Acesso em: abr.2022

O QUE É AFROCENTRICIDADE? . In:FALEAFROFUTURO: meduin.com. [s.i] 06.jul.2018 . Disponível em: <https://faleafrofuturo.medium.com/o-que-%C3%A9-afrocentricidade-ca1a0819b156> . Acesso em :ago. 2021.

RENATO NOGUERA. In : LITERAFRO: portal da literatura afro-brasileira. [s.i] 21.set.2020. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/399-renato-noguera> . Acesso em: ago . 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

VYGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.